ANO XV NUM. 5

Bem-Te-Vi

Maio de 1937

T U P I

— Upa ! disse a mamãe, largando depressa o caldeirão. A alça deste caldeirão estava tão quente ! Preciso fazer uns pegadores de panelas logo que tiver tempo.

— Como os da vovó ? Beatriz perguntou.

— Mais ou menos, disse a mamãe.

Beatriz ficou pensativa.

— A senhora podia fazer um, daqueles restos do meu vestido de veludo, na gaveta de retalhos, forrado com o meu *cache-col* velho.

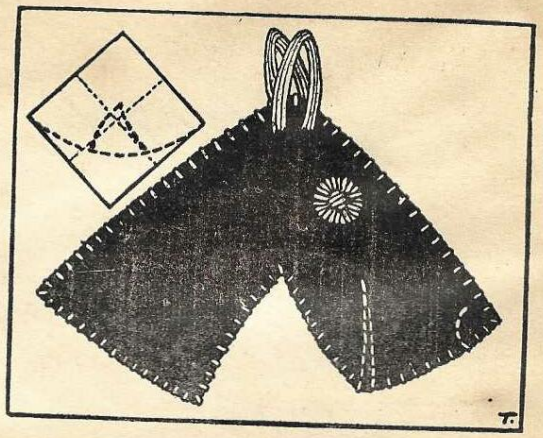
— A idéia é mesmo boa, concordou a mamãe.

— Vou ver se o correio chegou, disse Beatriz, que saiu a correr.

A menina queria é que a mãe esquecesse o pegador até ela fazer um, como acabava de imaginar. Foi até a caixa do correio, monologando :

— Vou fazer um pegador em forma de cavalo, para mamãe, hoje à tarde, quando ela sair.

Naquela tarde, enquanto a mãe assistia à reunião da Sociedade Missionaria, Beatriz cortou dois quadrados do vestido velho de veludo. Dobrou um dos quadrados em quatro, como mostram as linhas retas da gravura menor. Depois abriu-o e, baseando-se pelas marcas que a dobradura deixou na fazenda, desenhou no avesso dela, a giz, a linha curva que vai de canto a canto. Foi facil então desenhar as outras duas linhas em ponta. Ela cortou o pano seguindo as linhas desenhadas, formando o pescoço e o focinho do cavalo. Metade do pegador já estava preparado.



Unindo o outro quadrado a este pedaço, avesso com avesso, ela cortou-o na mesma forma. Depois caseou com linha amarela os dois pedaços juntos, deixando aberto o alto da cabeça. Por ali encheu o pegador com restos do velho *cache-col*. Depois caseou tambem essa parte.

Agora era facil fazer os olhos, nariz e boca, de lã branca. Por fim, duas alças de cadarço largo, no alto da cabeça, formaram as orelhas e iam servir para dependurar o pegador.

A primeira coisa que a mamãe viu ao entrar na cozinha, aquela tarde, foi aquele bonito pegador dependurado ao fogão. E como ficou contente !

— Ele chama-se Tupí, explicou-lhe Beatriz. Tupí, esta é a mamãe !

— Como vai, Tupí ? disse a mamãe.

E desde aquele dia Tupí tem prestado bons serviços, porque ele não faz caso de alças quentes de panelas.

Já pensou no que pode dar á mamãe no Dia das Mães? Que tal uns pegadores como esse?

VERDADEIRA OBEDIENCIA

— Vamos às cerejas, Henrique ?

— Não, o paizinho disse-me que não colhesse cerejas sem êle me dar ordem.

— Ele não sabe, não pode dar pela falta de meia dúzia de cerejas. A árvore tem tantas ! E mesmo que soubesse, êle é tão teu amigo que não te fazia mal.

— Pois é por isso mesmo que eu não quero ir às cerejas. O meu pai é tão meu amigo que não é capaz de me fazer mal, mas eu é que lhe fazia mal a êle se lhe desobedecesse. E eu não quero !

(Do "Raio de Sol").

Bem-Te-Vi

MATRICULADO CONFORME O DECRETO 24.776 DE 14 DE JULHO DE 1934.

ANO XV — N.º 5 — *REVISTA MENSAL*

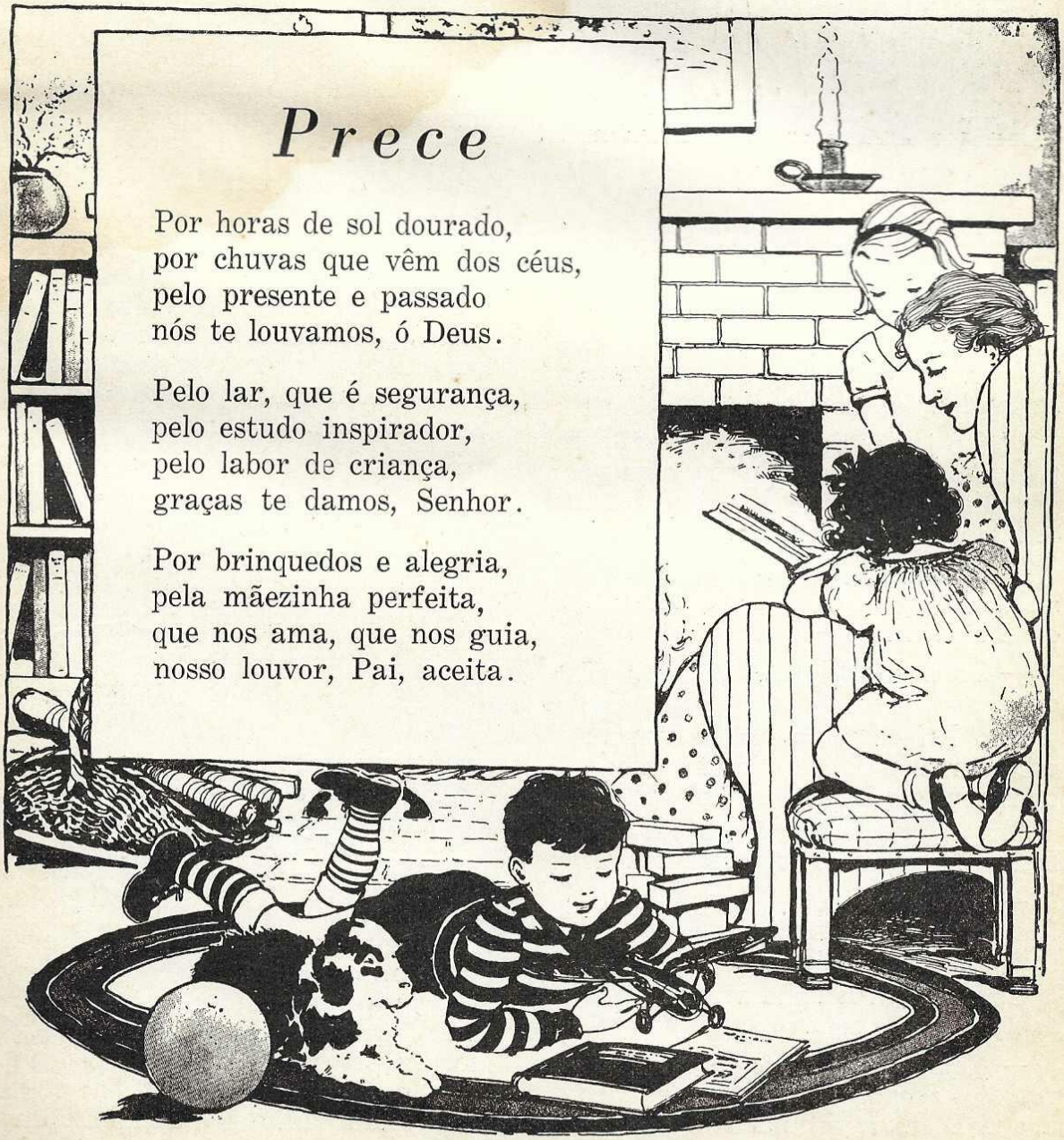
REDAÇÃO: AV. CONDESSA DE SÃO JOAQUIM, 155
OFICINAS: RUA DA LIBERDADE, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: NANCY R. HOLT
ADELINA DE CERQUEIRA LEITE
Desenhista: CELIA ROCHA BRAGA

São Paulo, Maio de 1937

Gerente responsavel:
SERVULO C. SANT'ANNA
Sub-Gerente: FERNANDO BUONADUCE



Prece

Por horas de sol dourado,
por chuvas que vêm dos céus,
pelo presente e passado
nós te louvamos, ó Deus.

Pelo lar, que é segurança,
pelo estudo inspirador,
pelo labor de criança,
graças te damos, Senhor.

Por brinquedos e alegria,
pela mãezinha perfeita,
que nos ama, que nos guia,
nosso louvor, Pai, aceita.

A Moléstia Misteriosa

O Príncipe Desmazelo contraiu os lábios vermelhos e cuspiu em cheio sobre os sapatos pretos da Ama Real.

— Alteza, Alteza ! reclamou a boa mulher. E' o cúmulo ! Sua real mãe, a Rainha, saberá disto, eu o digo !

Mas o jovem príncipe só atirou para trás a cabeça loura, soltou uma gargalhada galhofeira, de novo franziu os lábios e cuspiu, cuspiu.

— Desmazelo ! gritou sua real mãe, a Rainha, que acaba de entrar na sala; onde se viu isto — onde se viu ?

— Graciosa Rainha-Mãe, mil perdões.

E o Príncipe Desmazelo curvou a cabeça real e beijou o punho rendado da manga direita da Rainha.

Um sorriso aflorira aos lábios da Rainha, mas estes logo se cerraram :

— Meu punho ! Meu punho ! Veja: ficou escuro como o seio da terra ! Ah! meu filho, meu único filho !

Com isso, a Rainha virou-se e saiu tristemente da sala.

— Veja o que fez! disse a Ama Real, reprovando por seu turno. Sujar com a sua boca engordurada o punho da Rainha Mãe — é o cúmulo !

Ela queria virar uma tapona nas suas orelhas reais, mas nesse instante entraram sete pagens para escoltar Sua Alteza Real à sala de jantar.

Alí, sentado entre a linda Rainha-Mãe, e o seu nobre pai, o Rei, o Príncipe Desmazelo tomou com ruído caldo de laranja e deixou na beirada de sua taça de cristal a marca da boca suja.

O copeiro real imediatamente limpou o sinal revelador com o guarda-napo real, mas o Príncipe Desmazêlo só lhe lançou um olhar furtivo e tornou a marcar na taça, com os lábios, uma meia lua engordurada.

Quando serviram torradas com manteiga, o Príncipe Desmazêlo comeu várias e limpou os dedos e até o queixo real na beira da toalha bordada da mesa real.

O Rei suspirou e a Rainha teve um estremeção violento. Nunca se bate em príncipes reais ; porisso eles haviam procurado, de todos os modos possíveis, tirar do filho esses hábitos desmazelados.

Na noite seguinte, já tarde, o Príncipe Desmazêlo, que teimava em dar de comer ao gato real com suas próprias mãos, quando estava à mesa, e metia depois os dedos na boca, caiu gravemente enfermo. Ficou tão mal que foram convocados à pressa todos os médicos famosos do país e do estrangeiro.

Sem descanso estes lutaram com a moléstia misteriosa que trazia o príncipe real em perpétua agitação. E é triste, mas bem a verdade, que encontraram o pescoço e as orelhas dele em sórdidas condições, o que quer dizer, em linguagem franca, que estavam muito, muito sujas.

Os próprios médicos da côrte, reparando nisso, chamaram um outro, que morava perto das portas do palácio e vivia por demais ocupado em cuidar da pobreza para dar atenção à doença do Príncipe Desmazêlo.

No dia da chegada do novo médico, o doente real estava muito quieto, salvo nos momentos em que as enfermeiras queriam lavar-lhe o pescoço e as orelhas. Então reunia todas as suas forças e mandava-as fóra.

— Doutor Asseio ! anunciou um pagem em voz clara.

O Príncipe Desmazêlo ficou desassossegado. Não tinha gostado daquele nome, que lhe soava como um estribilho familiar.

Contudo, entreabriu os olhos e viu ao lado do leito real um homem que em beleza de porte suplantava o próprio rei.

Era alto, forte, com os cabelos louros e bastos, bem escovados.

O Príncipe Desmazêlo ficou perplexo de admiração. Na verdade, Sua Alteza daria metade do reino de seu pai para ter a aparência daquele desconhecido. Ele disse mesmo isso.

Doutor Asseio não respondeu palavra, mas curvou a linda cabeça para examinar melhor o paciente real. O Príncipe Desmazêlo sentiu que suas faces pegavam fogo. Estava envergonhadissimo. Fechou os olhos ; podia ouvir seu coração bater forte.

"Ele ver-me neste estado — ele, que é tão limpo e forte", pensou o príncipe, enterrando a cabeça no travesseiro.

Se o Doutor Asseio percebeu os pensamentos do jovem príncipe, não deu sinal. Ordenou sòmente que trouxessem ao quarto um banheiro com agua de sabão, quente, e ele esfregou o corpo do príncipe real até ficar rosado e fresco. Então falou em voz tão grave e branda que o príncipe nunca mais esqueceu :

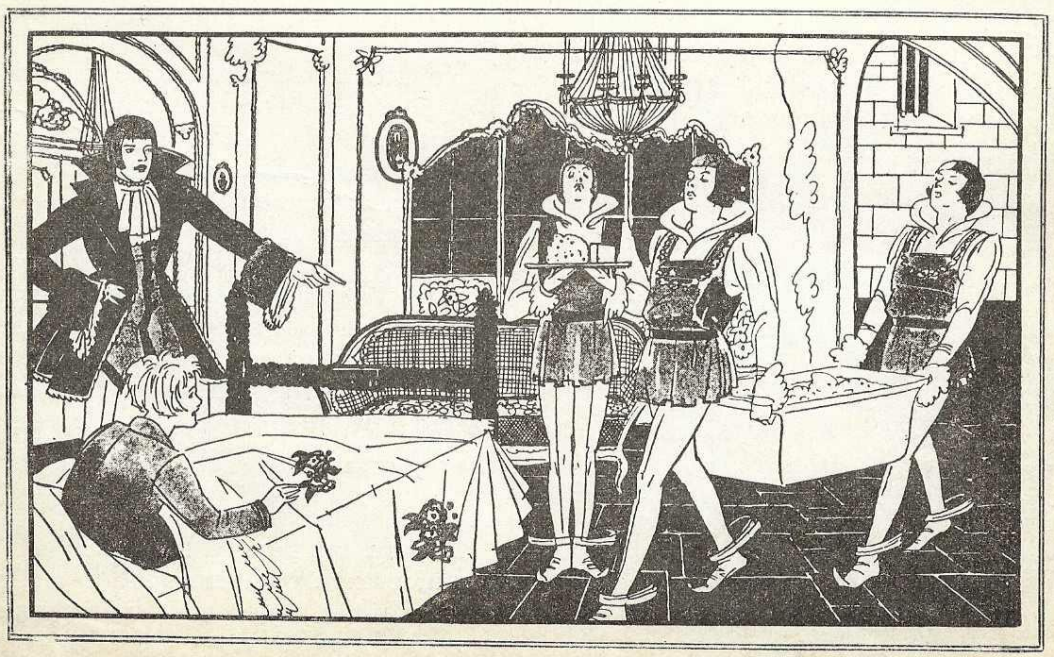
— Vossa doença, Alteza Real, é infecção. E neste caso a infecção foi causada por nada mais que imundície. Estais limpo agora e vos deveis conservar assim ; isto é, se quereis ser um homem forte e musculoso.

— Como — como vós, senhor ? perguntou o jovem humildemente.

Um sorriso iluminou o rosto do médico, que respondeu :

— Sim, Alteza. Só o que tendes a fazer é acatar os bons conselhos da família do Asseio, e sereis forte e bem apresentavel.

O jovem príncipe enterrou o rosto limpo no travesseiro de penas e logo estava dormindo. Mas daquele dia em diante nunca mais o chamaram Príncipe Desmazêlo.



O Dia do Trabalho

Os tres Motinhas sentaram-se no balanço de dois bancos, todos tristes.

— Tão lindo este Dia do Trabalho, e temos de ficar em casa, resmungou Cícero.

— Nem podemos assistir à parada, na cidade, acrescentou Felipe.

— Nem fazer piquenique perto do lago, suspirou Renata.

Calaram-se os tres, pensando na mãe e no pai que àquelas horas viajavam de trem. Tomára que ao menos valesse a pena o emprego que o pai ia ver na outra cidade.

— Eu queria tanto ouvir a banda na parada, disse Felipe, suspirando ; ver se eu toco tambor como êles.

— E eu queria pôr o meu bote novo no lago, retrucou Cícero.

— E eu, fazer cozinhadinho, disse Renata. Isto nunca na vida foi feriado !

O balanço ia de lá para cá, ao passo que os tres Motinhas se lastimavam. Por fim Cícero disse :

— Vou começar um barco novo.

— Vou patinar, disse Felipe.

— E eu, ler, acrescentou Renata.

Mas nenhum estava com pressa de fazer essas coisas. De repente Renata disse :

— Porque havemos de brincar ? Hoje é o Dia do Trabalho, dia dos que trabalham. Vamos ver se nos divertimos trabalhando.

Os meninos não apoiaram logo a idéia de Renata.

— Para trabalhar precisariamos trocar de roupa, disse Felipe.

— Já sei ! atalhou Cícero. Daqui a dez minutos o relogio vai dar nove horas. Cada um vai pensar num trabalho, trocar de roupa, e ficar pronto para começá-lo.

Então os tres ficaram animados. Cícero começou a andar pelo quintal, inspeccionando tudo. Felipe tinha os olhos nas botinas. Renata olhava sua boneca.

— Pronto ! exclamou Cícero. Vou pôr meu macacão.

— Tambem já sei, disse Felipe, dando uma risadinha e correndo para seu quarto.

Renata continuou a se balançar. De repente abraçou a bonequinha e segredou-lhe :

— E' isso mesmo. Você contou a coisa certa para eu fazer.

E começou a despir a boneca.

Cícero voltou assobiando e logo se ouvia o barulho do aparador de grama no gramado. Felipe foi de armário para armário e precisou até de uma cesta para carregar tudo que tirou dêles. Então sentou-se no último degráu da escada de trás e, cantando o *Hino á Bandeira*, esfregava a escova com vontade num sapato.

Renata foi para o seu quarto. Ao voltar estava com um vestido velho e um avental, que era indispensavel para o que ia fazer.

O aparador de grama percorria o gramado com aqueles *clip-clip-clip*. Cicero assobiava alegre, já quasi esquecido do bote.

Chec-chec-chec fazia a escova, esfregando os sapatos. *Sip-sip-sip* alisava o burnidor. Felipe cantava, mesmo sem poder assistir à parada do Dia do Trabalho.

Renata estava com os braços até o cotovelo mergulhados em agua espumosa, satisfeita como se estivesse fazendo cozi hadinho. E batia a roupinha na tábua, e esfregava, como se fosse fazer um piquenique.

O dia foi esquentando. Os tres Motinhas já estavam ficando cansados, mas não paravam de trabalhar. Por fim Renata foi buscar os pegadores. Toda a roupinha da boneca estava lavada. Logo vestidos, casacos, toucas, e fronhas da caminha — tudo estava estendido na corda.

—Enquanto a roupa seca, vou aprontar o almoço, disse Renata aos irmãos.

Felipe deu uma ultima escovada e fechou as latas de graxa. Nos degráus da escada enfileiravam-se sapatos da familia inteira, luzindo como novos. Os da mamãe e de Renata eram como espelhos.

No jardim da frente Cícero contemplou o gramado, tão igual e bem regado, os canteiros limpos, o passeio varrido.

— Vejam o que eu achei no armário ! exclamou Renata. Salada de vagem com batatas, um frango assado, e um bilhete de mamãe, dizendo que depois de almoçarmos e lavarmos a louça podemos ir à confeitaria e tomar sorvete.

Em pouco tempo os tres Motinhas sorriam um ao outro entre as lambidas de sorvete de chocolate. Eles tinham passado a manhã no serviço duro, mas isso valera uma descoberta importante, e era que quando a gente já labutou pode gozar melhor o Dia do Trabalho.

A PENA VERDADEIRA

A mamãe estava com dor de cabeça e tinha ido deitar-se um pouco.

— Estou com pena da mamãe, suspirou Ritinha.

— Eu tambem, disse Miguel.

— Quanta pena vocês têm ? perguntou Orlando. Eu estou com tanta pena que vou encher o caixote com lenha e pôr uns cavaquinhos no fogo para o jantar.

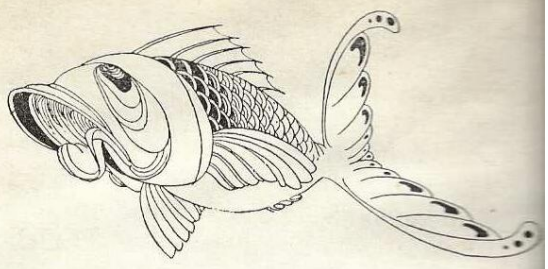
— Já entendi disse Ritinha. Eu tenho tanta pena que vou fazer o jantar.

— E eu vou pôr a mesa e lavar a louça, disse Miguel.

— Isso mesmo, tornou Orlando.

Quando a gente tem pena verdadeira de alguem, quer ajudar essa pessoa.

Shobu Matsuri



Izubo estava ajudando o pai a fincar fundo no chão um bambú, que ia ficar mais alto que as casas da vizinhança. Izubo estava contente Logo ia chegar o melhor dia do ano para ele. Mais doze horas e o sol de Maio mostraria a cara risonha e a festa dos meninos começaria.

A avó de Izubo sentou-se no alpendre, defronte ao jardim, de onde via o menino e o pai enterrarem a vara no buraco que haviam preparado. Da ponta dela pendia uma laçada de corda, como se usa para hastear uma bandeira.

— E' a melhor vara que você já teve, Izubo, disse a avó.

— Obrigado, *O ba san* (veneravel avó), respondeu Izubo. Papai e eu nos afundámos pelo bambual e gastámos muito tempo para achá-la. Naturalmente, desta vez tinhamos de pensar no pequeno Yasu.

—E' verdade, Izubo, replicou a avó. Alegra-me ver que você está sempre lembrando-se de Yasu. A vara precisa mesmo ser maior, pois este ano duas carpas vão flutuar nela, acrescentou a avó com um movimento aprovador de cabeça.

Acabado o serviço, todos entraram em casa para jantar. Izubo comeu com apetite, pois tinha trabalhado o dia todo nos preparativos da festa. Seu pai era pobre e não tinha criados como nas casas da vizinhança. Porisso havia pedido dois dias de folga no emprego, para ajudar o filho a celebrar a grande festa dos meninos.

Izubo gostava de ficar a sós com o pai. Ao passo que trabalhavam, conversavam, e Izubo ouvia mais uma vez as historias dos heróis do Japão. Escutava com prazer as explicações que o pai lhe dava de tudo que iam fazer no dia seguinte. Naturalmente ele já sabia todas aquelas coisas, mas nunca se cansava de ouví-las.

A vara de bambú que eles trouxeram tinha de ter tres anos, pois nessa idade são mais fortes. Escolheram a carpa que, em forma de balão, ia ficar esvoaçando na vara, por ser o mais forte dos peixes. Elas podem nadar até contra uma corredeira, e há quem diga que chegam mesmo a saltar quedas de agua. Naquela festa dos meninos tudo visa ensiná-los a serem fortes e corajosos.

Depois do jantar, Izubo tirou as carpas de papel de dentro do armário. Eram novas, de um preto e ouro luzentes, coloridas de leves pinceladas vermelhas.

"Vão ser lindas, brilhando à luz do sol", pensou Izubo, examinando a maior.

Que comprida ! Tres metros ! Era o peixe de seu irmãozinho Yasu ; o dele era igual, mas menor. E' assim o costume no Japão. Quanto menor fôr o menino, tanto maior será a carpa que flutuará para ele. Izubo estava contente que a sua carpa fosse menor que a de Yasu, pois isso queria dizer que estava ficando grande.

Quando Izubo foi para a cama, não pôde dormir logo, de tanto pensar na festa. Diante de seus olhos dansavam as filas de prateleiras com bonecas representando heróis. Tornar-se-ia ele herói, algum dia ? Então pensou nas visitas que receberia no dia seguinte e nas que teria de fazer. Por fim embrulharam-se-lhe as idéias e adormeceu.

Na manhã seguinte Izubo ouviu sua mãe chamál-o com brandura. Começava a amanhecer. Ele foi correndo tomar seu banho — um banho quente, todo especial, com infusão da raiz aromática do iris, o *shobu* — que é como

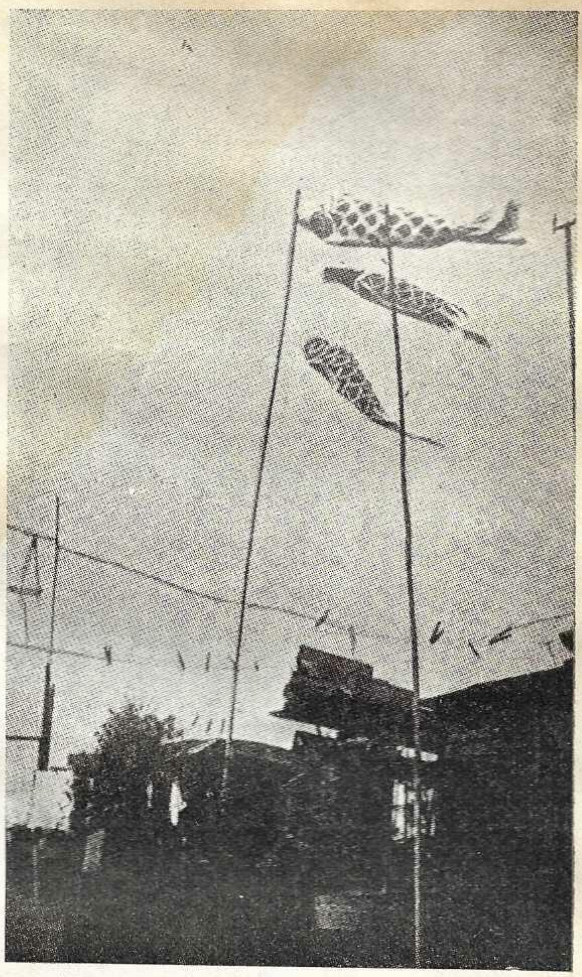
cada menino japonês começa aquele dia festivo.

Depois de se vestir, cumprimentar devidamente a avó, o pai, a mãe e o irmãozinho, correu fóra para hastear a carpa. Não havia perigo de chuva. O ceu estava claro ; dentro de minutos o sol espiaria sobre a montanha. O pai de Izubo tinha de ajudá-lo naquele trabalho. Primeiro eles içaram a carpa grande, que ia flutuar no topo do bambú. A de Izubo foi em segundo lugar. Devagar e com cuidado, Izubo puxava a corda e os peixes subiam pela vara. O de Yasu estava lá no alto. Então Izubo e o pai amarraram bem a corda e afastaram-se um pouco para ter v sta melhor. Nesse instante a brisa encheu os peixes, que começaram a virar rodopiar e flutuar, como se estivessem nadando contra alguma corrente rápida.

Izubo riu com deleite ; a avó parecia bem satisfeita tambem. Com os primeiros raios do sol as carpas reluziram como se fossem feitas de ouro. O ar era como um oceano, de tão cheio de peixes. Havia bambús por toda a parte, mu tos com cinco e seis carpas flutuando. Cada menino das casas vizinhas tinha um desses peixes na vara. Era devéras divertido. Izubo estava ansioso pelo inicio dos jogos prediletos.

Dentro de casa as bonecas-heróis estavam colocadas na maior ordem. Os brinquedos favoritos de Izubo foram tambem postos em exposição. Pendurada na alcova havia uma gravura grande de um tigre, mostrando a força e bravura do animal. Sobre uma mesinha via-se a estatua de Jimmu Tenno que se diz ter sido o primeiro imperador que a Deusa do Sol mandou dos céus para reinar no Japão. Ao lado havia um vaso de iris purpúreos, lindamente arranjado pela mãe de Izubo. Ela escolhera aqueles iris do jardim porque são as flores da saúde. Tudo parecia perfeito. O pequeno Yasu, vestido com seu quimono especial, ria todo contente, como se compreendesse todo o movimento daquele dia.

A manhã passou depressa. Os meninos quasi não se lembraram de brincar, tão entretidos se achavam,



admirando a exposição de brinquedos e heróis dos amigos. Mas Izubo estava ansioso por aquela tarde. Tinha-se exercitado em luta, e os bastões de defesa que ele e o pai fizeram de folhas de *shobu*, que são muito fortes, ficaram ótimos. Mal podia esperar pela ocasião de usá-los. Porém Izubo sabia que primeiro precisava comer a merenda, o que fazia parte da celebração festiva e afinal de contas prometia muito, com aqueles doces especiais enrolados em folhas de carvalho guardadas do ano anterior. O arroz não era branco, polido, como o de todos os dias. Tudo que Izubo comeu era de molde a ajudá-lo a se tornar um homem de têmpera rija, conforme o desejo de seu pai.

Terminada a refeição, Izubo desceu ao jardim para ver mais uma vez os peixes flutuando. Para sua surpresa, só a sua carpa estava lá. A de Yasu, com tres metros de comprimento, desaparecera sem deixar sinal. Izubo sentiu um aperto no coração. Se não

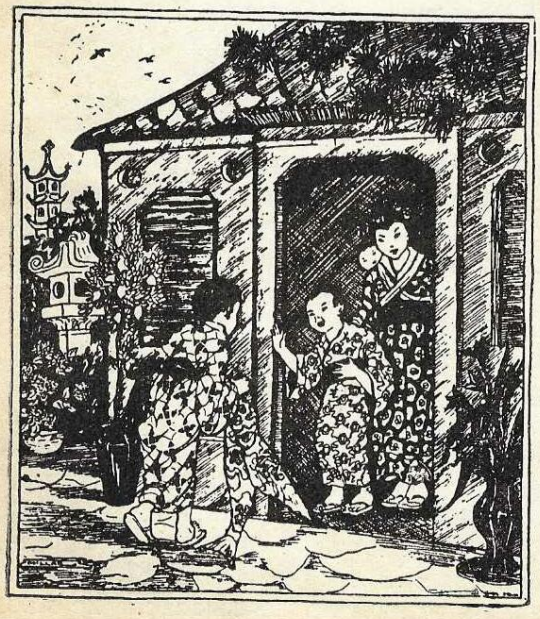
pudesse encontrar a carpa logo, sua a de ficaria estragada. Chamou o pai e apontou silencioso para o bambú.

— Vamos ver o que aconteceu, filho, disse-lhe o pai, baixando o peixe remanescente. E' mesmo como pensei, prosseguiu êle depois de examinar o cordel. O vento era tão forte que rompeu as ligaduras.

A custo Izubo reteve as lágrimas. Engulindo em seco, começou a desamarrar o seu peixe e os atilhos dos quais o outro escapara. Levou tudo calmamente para casa. Naturalmente, sua carpa não podia voar sem a do irmão. E sem isso, a festa não teria valor para ele. A unica solução seria agir como um homem, isto é, achar a carpa perdida.

Izubo vestiu a sua *geta* mais velha. A familia viu-o partir em busca da carpa, na direção do vento. Desceu a rua toda olhando e parando em cada casa, a ver se por acaso o peixe voara naquele jardim. Mas sempre a resposta era a mesma. Ninguem havia visto a carpa em parte alguma.

O bambual não ficava muito distante. Era o mesmo de onde Izubo e o pai tinham cortado a vara forte na véspera. Um pensamento estranho passou pela cabeça do menino. Talvez que a vara do seu jardim tivesse mandado a carpa grande levar uma mensagem de saudade aos seus amigos



no bambual. Izubo riu-se a ess idéia, pois naturalmente sabia qu nem o bambú nem a carpa de papel p diam falar. Mas ficou pensando seria mente nisso, quando, minutos depoi ouviu o rumor do vento entre as ar vores.

"Isto é quasi como a aventura de u de nossos guerreiros tradicionais", pe sou o menino, prosseguindo à procur da carpa.

Andou, andou, a cada passo exa minando com cuidado as frondes da arvores bem como o chão. Afinal che gou ao rio. Não era largo, mas a aguas corriam velozes e Izubo não sabi a sua profundidade. Resolveu ir bei rando pela margem, na esperança d um lugar onde pudesse achar vau Mal dera uns passos, quando notou qualquer coisa dourada, brilhando so bre uma pedra grande no meio da cor rente. Pôs mais reparo e certificou-s de que era a carpa de papel, com a cauda mergulhada na agua.

Contentissimo, Izubo despiu-se e pulou na agua. Verificou que no pon to mais profundo ela só lhe alcançava o queixo. Ele podia tirar fóra a car pa sem a molhar. Com viva satisfa ção subiu pela pedra chata, estendeu a carpa e enrolou-a com cuidado. En tão tornou à margem, onde esperou que o sol secasse bem o seu corpo. Depois vestiu o kimono, a *geta*, e, sobraçando a carpa preciosa, correu o mais de pressa que pôde.

A volta para casa pareceu-lhe bem mais curta que a vinda. Izubo ficou surpreendido como logo já tinha atravessado o bambual e entrado na sua rua. A familia de Izubo e os seus amiguinhos esperavam por êle. Quando viram a carpa com a cauda molhada, quiseram saber onde Izubo a encontrara. Este contou-lhes toda a historia. A avó escutava atentamente, com os olhos brilhando de orgulho.

— Meu neto, ela disse ao fim, esta historia é tão bonita como qualquer uma de nossos heróis, porque fala de um menino que foi corajoso e leal para com seu irmão.

— Obrigado, *O ba san*, disse Izubo, curvando a cabeça.

Ele experimentou grande prazer ao ouvir tal, pois a avó era a pessoa mais honrada na casa.

— Talvez as folhas de carvalho que enrolavam os doces que sua mãe lhe preparou deram-lhe força e resistencia.

Isto disse o pai de Izubo, que, seguido pelo filho e amigos deste, foi ao jardim concertar o peixe rasgado. Este logo ficou pronto e foi içado, bem como o menor. De novo o vento entrou pelas bocas das carpas, que recomeçaram a nadar. A de Izubo parecia mais viva que nunca. Flutuava e dansava no ar como se soubesse que o seu dono era um menino corajoso e altruista. E quem sabe se ela não sabia mesmo? Quem poderá dizê-lo?

Quanto a Izubo, sentia uma felicidade e força até então desconhecidas.

Como ensinar seu cão

TREINO GERAL

Tendo trazido para casa seu cachorrinho, outro trabalho agradável é fazê-lo pensar que seu dono é o melhor, mais sabio e inteligente do mundo, o que ele está pronto a crer, a menos que o obrigue a assumir atitude diferente. E' verdade incontestável que "com páu não se chama cachorro". Mais tarde, no caso de um cachorro teimoso, um chicóte pode ser util, mas este não deve infundir medo ao cachorrinho. Conserve-o em sua companhia o maior tempo possivel. Acaricie-o quando ele o deseja, mas não em demasia, se quer ter um cão com respeito próprio. Quando ele quer dormir, ou descansar ou refletir sobre alguma coisa, como fazem os cachorros com um profundo suspiro, lembre que um animal nessa idade normalmente dorme doze horas das vinte e quatro do dia e descansa seis das doze restantes; *deixe-o em paz*. E' facil provocar-lhe um acesso de nervos instigando-o a brincar quando o que ele precisa é dormir, como fazem as crianças, por ignorancia.

Assim, sem qualquer treino especial, mas pelo simples contacto diário nas horas de atividade, o cachorro logo conhecerá melhor seu dono do que este a ele. Refiro-me ao *ele* real, que mora dentro de sua pele. Porque assim é o cão: conhece muito mais a gente do que pode mostrar.

A principio fale apenas seu nome, e nenhuma outra palavra, sempre que quiser chamar-lhe a atenção. Em poucos dias o cão começa a associar o nome consigo e atenderá sem a confusão que provocariam assobios e gritos de "Aqui, aqui!" A sós com ele, fale-lhe como a um irmãozinho, em voz serena, a menos que ele faça alguma coisa que mereça reprovação. Então diga um "Não" com firmeza. Essa palavra "não" é a sua primeira lição. Se preferir, diga "pare" ou "quieto"; mas qualquer que seja, use sempre a mesma palavra. A primeira regra para o treino é dizer uma palavra para determinada ordem, e sempre a mesma. Nada confunde mais um cachorro de que duas ou tres pessoas gritando o que ele tem de fazer. Não grite nunca com seu cachorrro, a menos que ele esteja longe demais para poder ouví-lo de outra forma. E' o timbre de sua voz que ele entende; quanto mais calmo este fôr, melhor compreenderá o que tem a fazer.

A segunda regra, e deve insistir nisso, é que nenhuma outra pessoa se emiscua no treinamento de seu cão. Quando é hora de brincar, faz-lhe bem correr com seus irmãos ou amigos; mas na hora da lição, leve-o àparte e não admita assistencia de ninguem. Para que ele aprenda quem é o seu dono, só este deve alimentá-lo e zelar para que sempre tenha agua fresca em determinado lugar. Aos seis meses, duas refeições ao dia são suficientes. Com um ano, uma refeição diária é-lhe mais salutar. Super-alimentação deixa o cachorro gordo, doentio e preguiçoso.

O Chá de Tia Katushka

Uma manhã a tia Katushka de Andrewshek disse para Andrewshek :

— Vou fazer uns biscoitos enfeitados com confeitos.

Então ela tomou manteiga, açúcar, farinha, leite, nove ovos e fez uns biscoitos gostosos.

— Para que está fazendo esses biscoitos ? perguntou Andrewshek.

— Para o chá que vamos ter hoje à tarde, disse tia Katushka, espalhando sobre os biscoitos os confeitos que tinha trazido de sua terra.

— Quem vem ao chá ? perguntou Andrewshek, vendo tia Katushka pôr os biscoitos no forno.

— Erminka, a mãe de Erminka e o irmãozinho de Erminka, disse tia Katushka.

— Que bom ! disse Andrewshek. Tomára que Erminka traga as bonecas de pau.

A tia Katushka de Andrewshek tirou o avental de cozinha, que pendurou num prego atrás da porta. Tirou os biscoitos do forno, que deixou esfriando sobre a mesa. Então abriu a gaveta do armario e tirou o seu melhor avental de seda e o chale vistoso que tinha trazido de sua terra. Estendeu os dois em cima da cama de colchão de penas.

— Na hora do chá vou vestí-los, disse tia Katushka para Andrewshek.

Agora vou convidar os vizinhos para o chá : Erminka, a mãe de Erminka e o irmãozinho de Erminka. Faça o favor de vigiar a porta da cozinha. Cuidado para que o gatinho, o cachorro e as galinhas não entrem em casa.

— Vá sossegada ! Eu tomo conta da porta da cozinha enquanto a senhora estiver fóra, disse Andrewshek. Não vou deixar o gatinho, o cachorro e as galinhas entrarem em casa.

Mas o que Andrewshek fez mesmo foi pôr o avental de seda e o chale vistoso de tia Katushka e ficar andando de lá para cá diante do espelho. Ele nem se lembrou da porta da cozinha.

Quando pela decima vez Andrewshek ia de lá para cá diante do espelho, ouviu um barulhão na porta da cozinha. O gatinho, o cachorro, as duas galinhas e a cabra branca tinham entrado na cozinha e ido direitinho para a mesa.

— Isso aí não são biscoitos com confeitos ? perguntou a cabra branca para Andrewshek.

— Hum, que cheiro delicioso ! disseram o gatinho, o cachorro e as duas galinhas.

— Tia Katushka fez esses biscoitos para um chá, explicou Andrewshek.

— Nós somos convidados ao chá ? perguntou a cabra branca.

— E nós tambem somos ? perguntaram o gatinho, o cachorro e as duas galinhas.

— Penso que não, respondeu Andrewshek. Lá vem vindo a tia Katushka. Vou perguntar a ela.

O gatinho, o cachorro a cabra branca e as duas galinhas fugiram o mais depressa possivel para o quintal. Andrewshek tirou o avental de seda e o chale vistoso e estendeu-os sobre a cama de colchão de pena.

— Erminka, a mãe de Erminka e o irmãozinho de Erminka vêm ao nosso chá, às tres em ponto, disse a tia Katushka para Andrewshek.

A's tres horas em ponto, Erminka, a mãe de Erminka e o irmãozinho de Erminka vieram para o chá.

Erminka trouxe as bonecas de pau. Erminka estava com os seus sapatinhos pretos, novos.

Erminha, Andrewshek e o irmãozinho de Erminka brincaram com as bonecas de Erminka num canto do jardim, perto do portão da frente. Erminka contou:

— Minha mãe diz que vai dar amanhã um chá para você e sua tia Katushka, com torta de maçãs.

— O'timo! disse Andrewshek.

A tia Katushka de Andrewshek estendeu uma toalha branca na mesa, em baixo da macieira. Ela trouxe dois pratos de biscoitos, cinco chicaras, cinco colheres e cinco guarda-napos. Então voltou à casa buscar geléia de morango.

A cabra branca, o gatinho, o cachorro e as duas galinhas foram sentar-se no banco perto da mesa que estava em baixo da macieira. Ficaram ali muito quietos, sem mexer em nada.

— Se nós ficarmos com modos, disse a cabra branca, talvez a tia Katushka de Andrewshek nos deixe tambem tomar chá.

A tia Katushka de Andrewshek saiu ao alpendre com uma tigelinha de geléia de morangos nas mãos. Ela viu a cabra branca, o gatinho, o cachorro e as duas galinhas sentados no banco, bem quietos.

— Muito bem! disse tia Katushka. Temos mais amigos para o chá. Espero que gostem dos biscoitos com confeitos e da geleia de morango.

E se eles gostaram!...

A Casa

Vê como as aves têm, debaixo d'asa,
O filho implume, no calor do ninho!...
Deves amar, criança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!

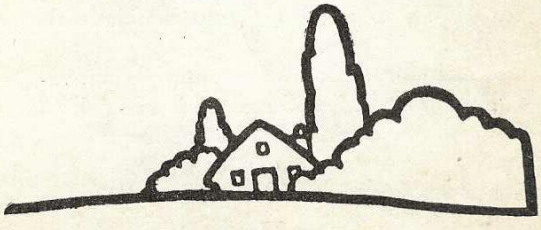
Dentro da casa em que nasceste és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo!!
Volta, quando tu voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como num templo,
Com a alma pura, e o coração sem susto:
Aqui recebes da Virtude o exemplo,
Aqui aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,
Pede a Deus que a proteja eternamente!
Porque, talvez, em lágrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, desta casa ausente...

E já homem, já velho e fatigado,
Te lembrarás da casa que perdeste,
E, hás-de chorar, lembrando o teu passado...
— Ama, criança, a casa em que nasceste!

Olavo Bilac.



O Cabritinho Divertido

CAPITULO VIII

TEMPESTADE DE AREIA

Zem, o cabritinho preto, espiou com interesse fóra do jacá no qual viajava, como carga de Gha-da, o camelo marron. No jacá do outro lado do camelo, ia Diji, o pequeno dono de Zem. Além desses dois viajantes o vigoroso Gha-da ainda levava fardos de feno, de gravetos de acacia para a cozinha de campanha, e de mantimentos.

— *Bée-e-é!* disse o cabritinho preto revirando com orgulho as orelhas.

Ele sabia perfeitamente que era muito pouco comum um cabrito viajar em camelo para a cidade. Mas o caso é que a tribu do Sheik Beni-Nef já considerava o cabritinho preto como sua mascóte, porque onde quer que o bichinho divertido se metesse, tudo parecia sair pelo melhor. Porisso em meio de risadas e pilhérias a tribu reservou um lugar para Zem entre a bagagem da caravana.

Essa jornada era de grande importancia. Vinte camelos carregavam a cevada, os figos, azeitonas e tecidos da tribu do Sheik Beni-Nef, rumo ao mercado na longinqua cidade de Gabes.

A' noite a caravana pôs-se em marcha com o Sheik Beni-Nef à sua frente. Durante as horas de escuridão, o chefe guiou-se por um ponto no céu : a Estrela do Norte. Quando o sol surgiu, êle se utilizou da sua propria sombra como se fôra uma bússola (como estão exercitados a fazer todos os filhos do deserto) e dirigiu-se ao nordeste, para a cidade d Gabes, à beira-mar.

Ao meio dia, o Sheik ordenou que a caravana fizesse alto. Nessa hora todas as sombras de homens e camelos não eram mais que uma mancha sob seus pés e não serviam então como bússola para nortear a jornada. Eis porque, enquanto o sol prosseguia seu trajeto nos céus o tempo suficiente para formar sombras, a caravana descansou.

A' sombra esguia de um espinhaço de serra, os camelos docilmente se ajoelharam para que os viandantes desmontassem.

— *Ya-illah!* Como é bom esticar as pernas ! gritou Diji, quando êle e Zem pularam dos jacás e correram pela areia.

Era bom tambem tomar uns tragos da agua preciosa contida nos odres e comer a refeição do meio-dia, composta de tâmaras, figos e pão de cevada. Depois, homens e animais dormiram a sesta enquanto esperavam que as sombras se alongassem ao ponto de servir novamente de bússola.

Mas deve ser que o cabritinho preto dormiu com um olho aberto, porque logo se pôs de pé, fungando o vento quente. Logo com o focinho acordou Diji. Este sentou-se e olhou em torno, sonolento. Então, vendo uma nuvem exquisita que rolava pelo céu, ergueu-se de um salto, gritando :

— A tempestade ! A tempestade !

Já os camelos peados arrancavam das amarras na ânsia de fugir. Porque todos aqueles animais sabem que numa tempestade de areia êles têm de se movimentar para não ficar sepultados.

Provisões de boca, fardos de feno, foram jogados depressa nas costas dos camelos ; com frenesí deram-se laços às cordas. Os

homens montaram seus animais. Nos respectivos jacás agacharam-se Diji e Zem.

A caravana começou a apostar corrida com a tormenta. Dispararam os camelos. Ninguem mais tentava guiar. Os homens deram redeas aos camelos, confiando nos animais do deserto para os levar a salvo através da tempestade do deserto.

Os camelos corriam ; mas o vento quente não ficava atrás. Soprava para os céus nuvens purpúreas e negras até que toda a natureza parecia envolta em luz crepuscular. E o vento agora era um tufão que zunia terrivel, erguendo enormes trombas de areia, algumas de tres, outras de dezesete metros de altura. Assemelhavam-se a gigantes temiveis que o vento lançasse ao encalço da caravana.

Diji espiou para trás, do alto do seu jacá, depois do que curvou a cabeça, puxando a túnica sobre os olhos.

Se os turbilhões de vento os alcançassem, todos morreriam asfixiados. Teria sido essa a sorte da caravana, não fosse o aviso do cabritinho Zem.

Os camelos corriam a toda a brida. Cada vez mais perto se avizinhavam as colunas de areia.

Quando lhes faltaram de todo as forças, os heroicos animais deixaram-se cair. Mesmo com a cabeça coberta Diji percebia a escuridão reinante e os guinchos da areia movediça. Então pensou que tinha chegado o fim.

Efetivamente, tinha chegado. Mas era um fim bom. Os bravos camelos haviam ganho a corrida. Adiantaram-se à tormenta e cairam justamente no limite extremo da região assolada pela tempestade de areia.

Afinal Diji pôde erguer a cabeça e espiar por baixo da coberta. O ar ainda era quente e embaciado, mas as colunas de areia tinham-se aquietado no dorso ondulante do deserto. O vento furioso exgotara suas forças. Havia passado o perigo.

O menino pulou do jacá, de um lado do camelo, e Zem do outro. No primeiro impeto confundiram-se os dois num abraço, felizes por estarem vivos. Então Diji caiu de joelhos e curvou a cabeça até a areia.

— *Ancha-Alla*, êle orou, pela vontade de Deus fomos salvos.

O mesmo gesto tiveram todos da caravana, que se ajoelharam dando graças a Deus pela sua salvação. *(continúa)*

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

TORTINHAS DE CREME DE LIMÃO

Creme de limão

120 grms de manteiga.
450 grms de açucar.
6 ovos.
1 chicara mal cheia de caldo de limão.
1 colher de sopa de sumo de limão.

Ponha tudo em uma vasilha e leve ao fogo em banho-Maria, mexendo sempre até ficar da consistencia de mel. (Este creme conserva-se muitos dias em vidro tampado).

MASSA DE TORTA

4 chicaras de farinha coada.
2 chicaras de manteiga.
2 colheres de açucar.
2 gemas.
1/2 copo de leite.

Misture a farinha, a manteiga e o açucar, levemente. Bata bem as gemas e misture com o leite. Despeje na massa e misture bem com uma colher. Forre forminhas com a massa e encha com o creme de limão. Asse em forno quente uns 30 minutos.

Uma surpresa para a mamãe

Aurora apertava uma nota na mão, descendo a rua. Tinha economizado seus tostões semanas a fio para comprar um presente que ia dar à mãe no Dia das Mães. Sabia muito bem o que queria. Um dia, passeando com a mamãe, esta exclamara de repente :

— Mas olhe que vaso bonito naquela vitrina ! Minhas palmas ficariam lindas dentro de um vaso assim com as côres do arco-iris.

Aurora viu que no vaso estava marcado cinco mil réis. Desde aí foi economizando seus tostões. Passava pela loja todos os dias, em caminho para a escola, e ficava admirando o vaso.

"E se o vaso fôr vendido ?" pensava Aurora, prosseguindo seu caminho, "sou capaz de sentar e chorar".

Naquela manhã seu coração batia forte ao se aproximar da vitrina. Mas o vaso estava lá, no meio de lindos objetos de porcelana. Uma caixeira amavel atendeu-a.

— Eu quero aquele vaso verde, com as côrès do arco-iris, disse Aurora.

— E' um vaso bonito, disse a caixeira. Tem bom gosto.

— E' para fazer presente à mamãe, explicou Aurora com timidês.

— Ela vai ficar encantada, replicou a caixeira, enrolando cuidadosamente o vaso e recebendo o dinheiro.

Aurora segurou forte o vaso. Imagine se ele caisse ! Foi andando com cuidado, pensando no que faria quando chegasse em casa. Tinha um cartão. Ia escrever nele um versinho e amarrá-lo ao vaso com uma fitinha verde.

Chegando em casa, entrou pelos fundos para que a mãe não a visse. Esta costurava na salinha da frente. Nesse instante, Balão, seu cachorrinho, avistou-a. Ficou tão contente em ver sua patroazinha, que pulou sobre ela. Aurora perdeu o equilibrio e caiu. O vaso quebrou-se em mil pedaços.

— Balão ! gritou Aurora, estou com ódio de você! Sáia daquí !

Aurora sentou-se no chão e dasatou a chorar sentidamente. O pobre Balão não podia entender o desastre que tinha causado, mas viu que sua dona estava triste e que ele era o culpado. Volveu para ela seus olhos castanhos, tão ternos, como a dizer :

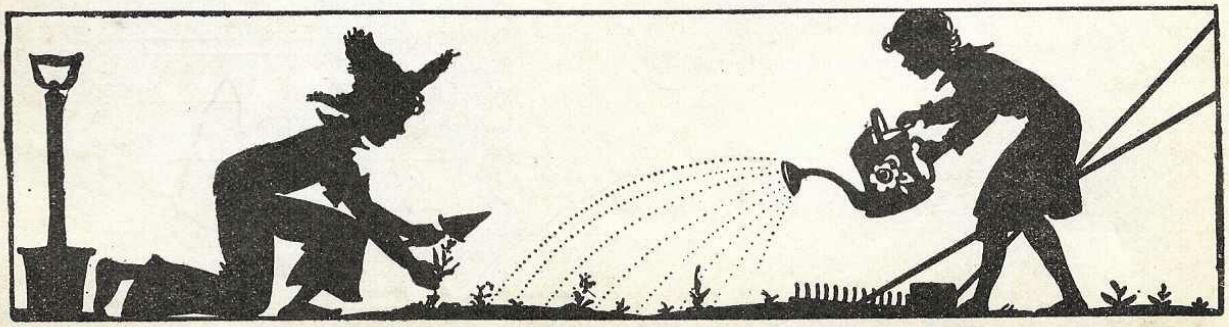
— Perdoe-me. Não fiz isto por querer.

Aurora começou a ajuntar os pedaços de vidro, mas era impossível colar tudo aquilo. Então jogou os cacos na lata de lixo e escondeu-se na garage, onde ficou soluçando, sentada num caixote. Balão seguiu-a. Deitado ao lado de Aurora, batia a cauda para mostrar simpatia.

Pouco depois, Luisa, irmã de Aurora, ouviu aqueles soluços na garage e foi ver o que era.

— O que aconteceu, Aurora ? ela perguntou.

Aurora contou a historia em meio de soluços.



— Sabe, disse Luisa, sempre ouví dizer que "aguas passadas não movem moinho". Porisso não vale a pena chorar por causa do vaso quebrado.

— Mas o que é que eu vou fazer? interpelou Aurora. Amanhã é Dia das Mães e eu não tenho nenhum presente para a mamãe. Já gastei todo o meu dinheiro ; não posso comprar mais nada.

— Não chore mais, meu bem, disse-lhe Luisa ; vamos ver se pensamos num presente que não custe dinheiro.

Aurora enxugou as lágrimas e escutou os planos que Luisa lhe segredou ao ouvido. Depois as meninas foram ao jardim com uma cesta e uma tesoura. Aurora cortou as flores do seu canteiro — margaridas, miosótis e melindre. Então as duas entraram em casa. Luisa trouxe papel de seda, folha de estanho e um cordel de seda escarlate. Ela ensinou Aurora a fazer um ramalhete à moda antiga. Então foram para a cozinha.

Aquela noite, quando Aurora deu o beijo de boa-noite, a mamãe lhe disse :

— Você tem uma carinha de segrêdo.

— E com razão, replicou Aurora a rir, mas não vou contar o segrêdo.

Quando o papai deu corda no despertador, a mamãe disse :

— Era bem bom se a gente não tivesse de levantar tão cedo. Estou cansada e gostaria de dormir um pouco mais. Mas amanhã é domingo e tenho muito serviço — fazer o café, lavar a louça, aprontar as crianças para a igreja....

Aurora piscou para o pai ; este fez o mesmo com um ar misterioso. Quando Aurora saiu da sala, levava um objeto escondido em baixo do quimono.

Na manhã seguinte a mamãe acordou sobresaltada. O sol entrava pelo quarto e tambem um cheiro delicioso de café.

— Não ouvi o despertador tocar, ela disse, sentando-se apressada na cama. Que horas serão? Estou com medo de chegarmos atrasados na Escola Dominical.

Nesse instante ouviu uma batida na porta.

— Entre, gritou o papai.

A porta abriu-se e Aurora entrou com uma bandeja. O café estava bem quente, as torradas douradas com queijo ralado, como a mamãe gostava. A um lado da bandeja havia um lindo ramalhete todo enfeitado com papel de renda, amarrado com um cordel escarlate.

— Oh ! exclamou a mamãe. Eu estou na Terra das Fadas, pela certa. E que fada tão boazinha é esta ?

— E' a sua filhinha mesmo, respondeu Aurora, rindo. E a senhora não vai levantar-se até nós tomarmos café e lavarmos toda a louça.

E enquanto a mamãe comia, Aurora contou a historia do vaso quebrado.

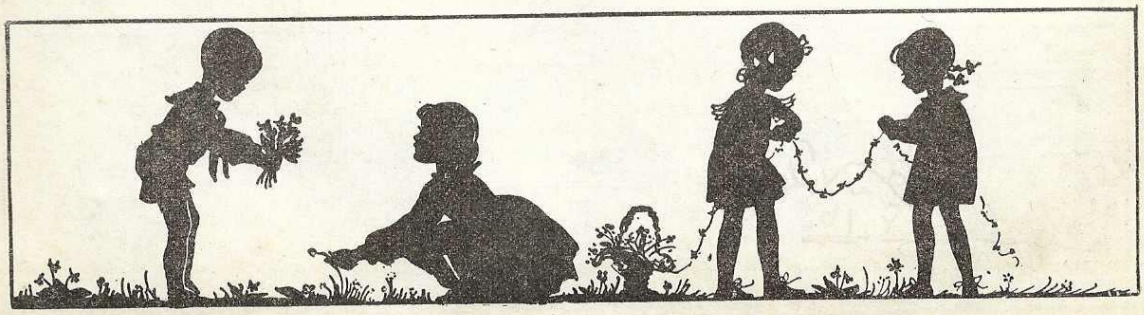
— Era bonito aquele vaso, disse a mamãe, mas gosto ainda mais deste presente. Como se lembrou de me fazer esta surpresa ?

— Foi Luisa, respondeu Aurora. Ela me deu essa idéia e ajudou-me a fazer o café. O papai tambem me ajudou a roubar o despertador.

— Roubar o despertador ! exclamou a mamãe. Mas para que ?

— Para nós não perdermos a hora, explicou Aurora. Assim aprontamos a surpresa em tempo.

— E que surpresa linda, tornou a mamãe. Prefiro esta ao vaso mais precioso do mundo.



A Festa do Dia das Mães

O club inteiro concordou quando José sugeriu :

— O Dia das Mães não demora muito ; vamos celebrá-lo com uma festa.

— Otimo, exclamaram todos ao mesmo tempo.

— Mas como arranjar tudo sem que elas saibam ? perguntou Bertinho.

— Vamos conversar primeiro com minha irmã Sara, que já é grande e nos ajudará, sugeriu Jení.

Todos correram para a casa dos Pereira e quando Sara ouviu o que eles queriam, ficou toda entusiasmada.

— Vamos pedir aos páis parte do dinheiro que precisamos para a festa. Vocês, crianças, darão um pouco de suas mesadas, e terão que levar os recados, fazer as compras e ajudar em tudo, disse ela, olhando para aquelas carinhas contentes.

— Conte com as nossas pernas, Sara, assegurou Cesar.

— Vamos convidar tambem os páis para a festa, uma vez que eles vão ajudar a pagar os doces, pediu Guilherme.

— Decerto ! exclamou Tomás.

Sara começou a ficar meio assustada.

— Antes de tudo, criançada, vocês sabem que teremos tanto que fazer que não sei se daremos conta, avisou ela.

— Você há de ver ! exclamaram Jení e Ana Maria ao mesmo tempo. Nós já fizemos muitas festas. Em todo o caso todos vão ajudar nesta ; porisso vai ser fácil.

De fato, todos ajudaram. Até mesmo o Juca preguiçoso não se queixou quando Sara lhe disse para andar mais depressa.

Inda bem que eles contaram o segredo para os páis, porque não foi só com dinheiro que eles ajudaram. Tiveram que arranjar fotografias das mães, quando eram crianças, e explicar tambem jogos que costumavam fazer nas suas festas.

Na véspera do dia marcado, em cada casa dos sócios do club chegou o convite para uma festa de Dia das Mães. E que lindos convites ! Sara tinha recortado de revistas umas cópias de quadros célebres de mães. Havia uma chamado "A Mãe", de Whistler, outro de nome "Alimentando seus passarinhos", de François Millet, e o "Retrato de Mme. Lebrun e sua filha". Essas gravuras foram coladas em cartões, com pequena margem e, atrás vinham os dizeres.

— São tão bonitos que merecem uma moldura ! exclamaram as mães.

Mais tarde muitos deles foram mesmo emoldurados.

A festa foi oferecida na casa dos Pereira porque era a maior e tambem porque assim era mais fácil para Sara.

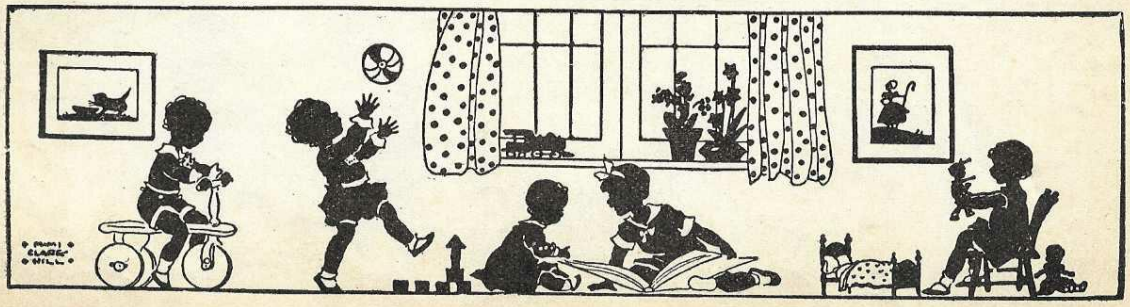
Primeiro fizeram um brinquedo chamado "Verdade". Vocês sabem como é. Escolhe-se um numero. Uma pessoa põe a mão sobre a mesa e diz "Um". A pessoa seguinte põe a mão sobre a mão da primeira e diz "Dois". Cada um por sua vez faz o mesmo, até chegar o numero escolhido, mesmo que para isso seja preciso usar as duas mãos, diversas vezes. Então a pessoa que estiver com a mão em cima de todas, quando chegar o numero escolhido, tem que responder a verdade a qualquer pergunta que lhe seja feita.

Nesse dia eram as crianças que faziam as perguntas. Imagine quanta tolice elas perguntaram !

— Agora, disse Ana Maria, vamos dar um prêmio para quem acertar melhor de quem são estas fotographias das mães, quando crianças. Cada retrato tem um número. Façam uma lista dos números e escrevam de quem é aquele retrato.

Enquanto os meninos distribuiam papel e lapis, as mães deram boas risadas olhando para aqueles retratos. Havia já tanto tempo que não os tinham visto que às vezes custavam a reconhecer o seu próprio retrato.

— Agora vamos brincar de anel, anunciou Jení. Vou passar o anel nas mãos das mães e depois perguntar-lhes quem está com o anel.



Quem não adivinhar pagará uma prenda e terá que cumprir uma sentença.

Parece que a criançada gostou mais dêsse brinquedo do que as mães, porque é tão engraçado fazer os grandes ficarem atrapalhados.

D. Amélia Pereira quis preparar alguma coisa para oferecer, pois não via sinal de comida. Mas Sara e as crianças ordenaram-lhe que ficasse quietinha na sala com os hóspedes e José logo anunciou :

— Papai nos contou que quando era moço faziam-se piqueniques em que cada rapaz procurava comprar a caixa de merenda que a namorada tinha trazido, porque estava combinado que comeria junto com ela. Então nós e Sara arranjámos uma porção de caixas com merenda. Escrevemos o nome de uma das mães presente em cada caixa. Um de nós vai levantar uma caixa e descrever a mãe a quem ela pertence. O pai que acertar primeiro ganha a caixa e comerá a merenda junto com a dona dela.

As mães com certeza gostaram muito de ouvir todas as coisas bonitas que seus filhinhos disseram ao descrevê-las. Todas acharam também a merenda deliciosa.

Quando acabaram de comer, as crianças tiraram da sala as caixas, o resto dos doces, e Bertinho anunciou que iam fazer um brinquedo do tempo dos páis.

— Todos fechem os olhos e pesquem com a mão dentro desta tigela, disse ele.

Quatro pessoas tiraram bolinhas de vidro ; quatro tiraram fichas de côr ; quatro tiraram pedras de dominós e os outros todos tiraram pedras de damas. Enquanto Bertinho passava a tigela, os outros meninos arrumavam a mesa para os jogos.

— Quem tirou bolinhas de vidro vai jogar gude, explicou Bertinho. Quem tirou fichas vai jogar "parchesi" ; quem tirou pedras de dominó vai jogar "dominó" ; quem tirou pedras de damas vai jogar "damas".

Começaram os jogos, e se você pudesse ver os páis e as mães ficaria certo de que eles se divertiram tanto como as crianças. Depois os vencedores receberam prêmios da casa dos dois mil réis.

— Acho que é tempo de irmos para casa, agora, disse a D. Isolina de Sá.

— Ainda não ! protestou Tomás, apesar de saber que já tinha passado a hora de as crianças da casa dormirem.

Mas justamente nesse momento aconteceu uma coisa esplêndida. Abriu-se a porta e entrou Tio João.

— Muito bem ! exclamou ele. Tenho sempre sido um camaradão para esta criançada, mas vocês não se lembraram de me convidar para a festa de gente grande, não é ?

Ele parecia muito sentido. As crianças quiseram explicar :

— Mas o senhor não é pai nem mãe de ninguem, disseram elas.

— Ah, esse foi o motivo, não é ? Bem, então se eu levar todos para tomar sorvete, vocês me adotam como seu pai ? perguntou.

— Como não ! gritaram as crianças em côro.

De repente Ana Maria lembrou-se de que ela e seus amigos estavam hospedando os grandes.

— Não podemos deixar os nossos hóspedes ; isso não seria delicado, disse ela.

— Pois bem, se é assim, que tal se eu trouxesse aqui bastante sorvete ? perguntou tio João.

— Seria do outro mundo ! exclamou Jení.

Nesse momento entrou o Samuel, irmão mais velho de Nancí, que tinha ficado lá fora no carro de tio João, trazendo uma sorveteira grande.

Num instante, Sara e ele encheram de sorvete uns copinhos que ele trouxe. As crianças serviram tudo num zás-trás.

Antes que acabasse a festa, D. Amelia Pereira sentou-se ao piano e tocou algumas canções, daquelas que os páis e mães gostavam quando eram jovens. Todos cantaram, soubessem ou não as palavras. Ao se retirarem, os hóspedes disseram com sinceridade que a festa tinha sido esplêndida.

João Minhoca em Sombras

O Amigo Urso

Esta representação será feita por meio de *sombras movediças* realçadas por pontos de *sombras coloridas*. As sombras coloridas são emitidas por meio de papel impermeavel, de côr.

Eis o necessário para o teatrinho de João Minhoca : papelão, pano de ganga, papeis impermeáveis, prendedores de papel, arame, tabuinhas leves e estreitas, tiras de papelão grosso, um biombo velho ou caixa grande, uma lampada de cem velas suspensa diretamente atrás da boca do palco.

Um biombo de boa altura é mais adequado para esse tipo de representações, visto que uma criança pode acomodar-se atrás dele e trabalhar com as marionetas em baixo da cêna. Ela ocupará o compartimento central do biombo. Na falta deste, uma caixa de papelão poderá servir. Cubra a mesa sobre a qual ela está colocada com uma toalha comprida, para encobrir as pernas das crianças que trabalham com as marionetas.

Dimensões do teatro: cincoenta centímetros por quarenta e dois. Revista o espaço retangular com ganga, que pode ser presa com tachinhas pelo lado de fóra, recobertas por tiras de papel, coladas. Enfeite as beiradas com papel-crepon,

para sugerir cortinas. Com alguma habilidade de carpintaria, pode-se prender a ganga por dentro, sob tabuinhas, junto com os acessorios do cenário.

Faça o cenário, de preferencia, de um só pedaço de papelão. Não sendo possível, cole as molduras do retangulo e reforce-as com tiras de papelão. Os batentes da porta, janela e a mesa são cortados de papelão com canivete e colados à tela. Internamente, a janela é revestida, no meio, de papel impermeavel, azul, e aos lados, de papel amarelo, representando cortinas. Os quadros e utensilios sobre a mesa serão decorados igualmente por pedacinhos de papeis de varias côres. Para representação em um ato, em cenário campestre, a tela pode ser recoberta de papel transparente colado sobre a ganga.

As marionetas desta representação movem-se; porisso a cabeça, o corpo, braços, sáias ou calças e pernas devem ser cortados com canivete, em separado, e unidos por percevejos. Prenda aos pés, com arame, varetas de dezoito centimetros de comprimento, por meio das quais elas se movimentarão. Para a cabeça mexer, dê duas laçadas de arame fino ao pescoço, torça atrás, prendendo-o a outra vareta. Amarre arames em torno dos pulsos da marioneta. Os dois braços podem ser presos juntos ao ômbro por meio de um percevejo.

Algumas marionetas são feitas de um pedaço de papelão e só atravessam o cenário ; mas são muito mais interessantes as que andam, abaixam a cabeça e estendem os braços. Pode-se baixar o corpo das marionetas para dar mais expressão a certa cêna ou erguê-las pelo ar para dar o efeito de desaparição. Assim elas têm muita naturalidade.

O pai e a mãe dos coelhos são maiores, naturalmente, e têm roupas alegres de papel transparente. A jaqueta do pai é verde, com listas azúis. A blusa da mãe é amarela, enfeitada de flores azúis, e a sáia côr de laranja, com círculos vermelhos.

PERSONAGENS

MESTRE FUNGÃO
D. FUNGONA

SARA, ZÁS E ZIP — *tres coelhinhos.*
XUTE — *uma criatura malcriada.*

Esta representação é para você ler varias vezes, inteirar-se bem do assunto, mas não decorar palavra por palavra. Depois de bem fixados no espírito os caractéres dos personagens, leve à cêna, acrescentando talvez umas idéias ou conversas entre os coelhinhos e Xute.

A cêna passa-se numa casa de coelhos.

CENA ÚNICA

D. Fungona vê se a mesa está em ordem, vai á porta e chama.

D. FUNGONA: — Crianças! Sára, Zás, Zip, aprontem-se para jantar! O papai vai chegar logo.

SARA E ZÁS (*em côro*). — Sabe, mamãe, Zip está brincando outra vez com aquele Xute côr de lama. Não é nada bom para ele brincar com aquele malcriado.

SARA — Eles atiram lama em todos os animais que passam.

ZÁS — Imagine que eles emplastaram de lama a sáia azul de D. Ouriça.

(*Enquanto Zás fala, entra Mestre Fungão*).

MESTRE FUNGÃO — Que bulha é esta?

(*Sara e Zás correm e o abraçam*).

D. FUNGONA — Estamos falando sobre o Xute. Ele é ruinzinho mesmo.

MESTRE FUNGÃO — Ontem, quando trepei na chaminé de fungação, senti uma coisa muito exquisita no ar. Era malcriação, pela certa. Baforadas daquilo entravam pelo meu nariz, como fumaça.

D. FUNGONA — Preciso tomar providencia. (*Olha á janela*). Lá vem vindo Zip com Xute (*Vai á porta e chama*): Zip, papai já chegou! (*Voltando-se para os coelhos, diz*): Xute está aí perto.

(*Zip entra. E' menor que Sara e Zás*).

D. FUNGONA — Zip, você gosta muito de Xute, não é?

ZIP — Gosto, sim; ele é o meu melhor amigo.

D. FUNGONA — Pois então convide-o para jantar, quer?

ZIP — Vou já, mamãe.

(*Zip sái correndo*).

D. FUNGONA — O jantar está pronto. Podemos começar. Eles já vêm.

(*Enquanto os coelhos tomam lugares à mesa, o pai à cabeceira, a mãe aos pés, os demais aos lados, Zip entra correndo. Ouvem-se fóra uns raspões fortes*).

ZIP — E' o meu amigo Xute.

(*Xute entra*).

MESTRE FUNGÃO — Boa tarde, Snr. Xute. Temos muito prazer em vê-lo.

XUTE (*bufando*) — Hum-m-m!

(*Sára e Zás movem-se e dão risadinhas. Zip fica firme e sério*).

MESTRE FUNGÃO — Eu disse que temos muito prazer em vê-lo.

XUTE — Ah, têm, é? Onde é o meu lugar? O melhor é o do pai de Zip. Eu quero aquele.

(*Xute vai-se esfregar em Mestre Fungão. D. Fungona faz a este um sinal de cabeça. Mestre Fungão deixa Xute tomar seu lugar e fica a um lado da mesa*).

XUTE: — Tomára que haja bastante comida. Estou com muita fome. Ah, estou vendo umas panquécas. Não estão queimadas? Detesto panquécas queimadas. Ha bastante melado na mesa? Se fôr pouco, é melhor darem tudo para mim.

Sara e Zás — Uhhhhh!

(*Zip não diz palavra, mas mexe a cabeça como se estivesse pensando*).

XUTE — Quero dez panquecas.

(Estende o braço dez vezes na direção do prato).

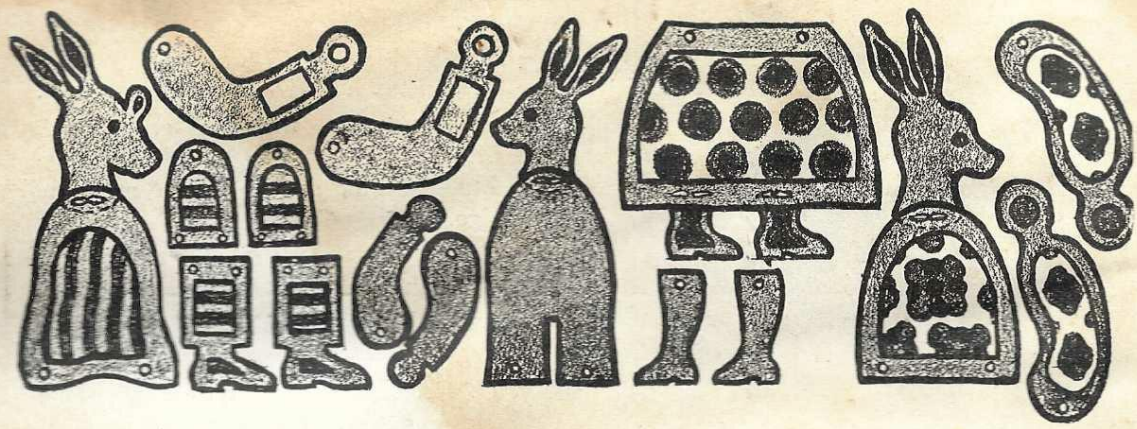
Sara e Zás — Uhhhhh!

(*Começam a rir, mas D. Fungona sacode a cabeça para estes*).

XUTE — Passe o melado, Zip. Depressa, antes que seu imão e irmã se sirvam!

ZÁS — Olhe aqui...

D. FUNGONA — Zás,



faça o favor de se sentar! Zip, passe a manteiga para seu amigo.

(*Zip passa a manteiga de cabeça baixa, sem olhar para Xute*).

XUTE — Ahhh, marmelada! Mas como é branca! Nem dá gosto ver. Em todo o caso, vou experimentar.

(*Xute faz movimentos seguidos de levar comida à boca, mastigando com ruido. Depois, atira seu guarda-napo ao outro lado, no nariz de Zás. Este esfrega o nariz, mas não diz nada*).

XUTE — Upa, por hoje chega! Hei de vir aquí sempre que me convidarem, e quero que cada vez a comida seja melhor. Mais panquécas, mais melado, e marmelada com mais côr. Agora eu vou indo. Bem, estou farto. (*Ele pula, grunhindo*). Venha, Zip, vamos chupar jaboticabas na árvore.

ZIP (*com voz severa*) — Acho que não posso.

D. FUNGONA — Você pode, sim, Zip; eu me arranjo bem sem você. Vá à jaboticabeira com seu amigo.

(*Xute sái batendo os pés e bate a porta. Zip segue-o de cabeça curva*).

SARA — Que criatura horrivel!

ZÁS — Ele nem disse que gostou do jantar.

D. FUNGONA — Mas façam o favor de não dizer uma palavra sobre ele, quando Zip voltar.

SARA — Que tal o Xute, tomando a cadeira do papai, hein, mamãe?

ZÁS — E atirando o guarda-napo daquele jeito?

(*Zip entra correndo. Ninguem fala nada de Xute.*)

D. FUNGONA — Quem vai guardar a louça para mim?

ZIP — Eu, mamãe!

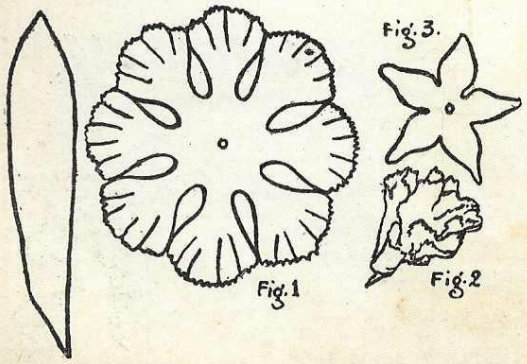
D. FUNGONA — Então os outros podem ir brincar fóra.

ZIP (*voltando-se para a mãe*) — Porque a senhora convidou o Xute para jantar? Viu só que coisa? Ele meteu a marmelada na boca com a mão e chupou o dedão, de propósito. E quando iamos comer jaboticabas, ele me disse que a senhora não sabe fazer panquécas. Eu fico admirado — a senhora convidá-lo para jantar! E ainda por cima chamá-lo meu amigo — amigo urso!

D. FUNGONA — Está certo. Uma vez que você não quer, não vou convidar mais o Xute.

FIM

PARA O DIA DAS MÃES



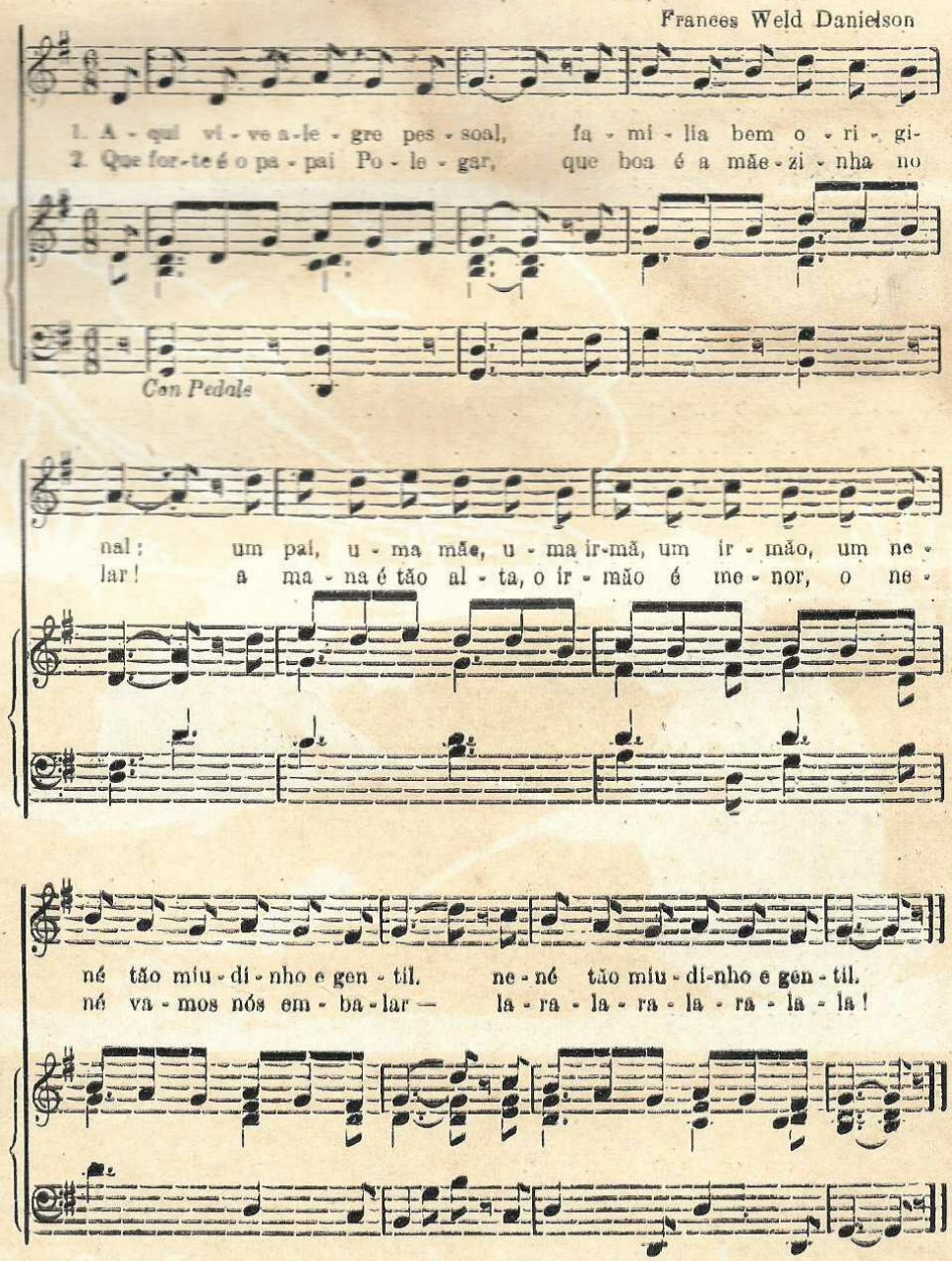
Se você não pode obter um cravo para o Dia das Mães, eis um bom processo de fabricá-lo. Corte, em papel de seda, nove modelos como a figura 1. Dobre dois deles, como na figura 2, e amarre-os com arame fino, deixando uma ponta para a haste. Enfie os nove restantes pedaços pelo arame, ajuntando-os ao miolo. Acrescente o cálice verde, (figura 3), enrole o cabo com papel de seda verde, intercalando-o com folhas aos pares.

quem é que sabe?...

1) Completar: *Como o louco que atira tições, frechas e morte...?*
2) Qual é a ilha perto da Australia cujo formato é semelhante ao dum camelo descansando?
3) Quem era o marido de Helena de Tróia?
4) Porque se chama atlas a um livro de mapas?
5) Que monarca europeu disse: "Eu sou o estado"?
6) Que nobre russo, grande escritor, vivia como camponês?
7) Que livro famoso trata da vida de um marinheiro unico náufrago numa ilha solitaria?
8) Que é "Gólgota"?
9) Que catedral é famosa por suas 3.000 estatuas?
10) A's mãos de quem foi D. Pedro II entregue, quando tinha seis anos de idade?
11) De que inséto se tira uma tinta vermelha?
12) Qual é o nome dado a dois periodos anuais, quando a duração do dia e da noite é igual sobre toda a terra?
13) Quem escreveu *Pinocchio?*
14) Qual é a capital do Rio Grande do Sul?
15) Em qual baía fica situada nossa capital federal?

Respostas às perguntas de Abril:

1) *Mas a criança, deixada a si, envergonha a sua mãe.*
2) Por causa da sua grande altitude.
3) Desde o ano 6.000 A. C.
4) Sisifo.
5) A perda da safra das batatas, que causou uma fome terrivel.
6) Por causa da confusão de linguas.
7) Domingos Fernandes Calabar.
8) Thomas Alva Edison.
9) Samuel.
10) Mahomet.
11) Suissa.
12) *O Guarany,* de José de Alencar.
13) *In selvis viva fuit; mortua dolce cano* (nas selvas fui viva; depois de morta, canto docemente).
14) Os musculos das suas pernas são dispostos de tal forma que, quando o passaro se empoleira, os dedos dos pés estão curvos e não se podem abrir enquanto ele não acordar outra vez.
15) João Pessoa.

uma familia

Frances Weld Danielson